

Vera Maria Tietzmann Silva

Falar deste trabalho é muito emocionante para mim visto que Denise Godoy já foi minha paciente em fonoterapia. Com grande orgulho li e reli A língua travada e pude perceber a riqueza com que foi realizado, com que empenho ela conseguiu transmitir, seja em poemas, contos, trava-línguas todos os fonemas da nossa língua nas mais diversas posições, nas mais variadas palavras, mantendo, além de uma estruturação fonética perfeita, a semântica, que não foi em momento algum deixada de lado.

É um trabalho de fundamental ajuda na fonoclínica, não só para o trabalho com a comunicação oral nos distúrbios articulatorios e disfonias, mas também para a utilização no âmbito dos distúrbios de leitura e escrita. Terá, sem dúvida, sucesso pelo critério e dedicação com que foi feito e também pela falta, no mercado, de trabalhos deste cunho.

AFFONSO ROMANO SANTANA

Queria lhe dizer que seu trabalho é magnífico; tivéssemos Denises espalhadas por aí, e certamente o ensino, a prática da arte em vida seria diferente. E isto que você faz, juntando diversos gêneros com a literatura, é lindo e necessário.

Quando havia o Proler que criei na Biblioteca Nacional (hoje existe um sucedâneo, e em Goiás ainda há uns grupos remanescentes, na Cidade de Goiás, inclusive), a gente trabalhava deste jeito. Daí minha simpatia por seu trabalho. Continue, minha cara, siga em frente. Você é ótima, abraço.

CLEUSA MAMEDE SALUM CHAER

Adorei ler A língua travada! A ruptura com a aprendizagem da leitura através de cartilhas, abriu espaço para o contato das crianças com uma grande diversidade de textos. Músicas, trava-línguas, poesias, parlendas, cartazes e propagandas têm ampliado os caminhos da escrita. Sua proposta de reuni-los num livro e, ainda, proporcionando treinos fonoaudiológicos, é inédita, criativa e será de grande valia para professores e alunos.

Augusta Faro Fleury de Melo

Neurociência, cognição e dislexia
Vicente Martins - Publicado em 16.06.2008, em www.webartigos.com

Aportes teóricos e pesquisas experimentais no campo da Neurociência, Psicologia Cognitiva e Lingüística Clínica trazem, nos últimos cinco anos, achados importantes para os que atuam, no campo escolar, com crianças disléxicas, disgráficas e disortográficas.

Em seu Dislexias: descrição, avaliação, explicação, tratamento (Artes Médicas, 2001), Anne Van Hout e Françoise Estienne afirmam que, graças aos progressos das neurociências, os investigadores dos modelos de leitura e da sua aquisição, desenvolvimento e dificuldades recomendam o uso do termo dislexia no plural, ou seja dislexias, uma vez que os dados recentes exploratórios da dislexia e disfunções correlatas (disgrafia, disortografia) indicam muitas causas e manifestações bem como no agrupamento dos sintomas dislexiológicos.

São três os princípios psicolingüísticos para os profissionais que atuam com as crianças com dificuldades específicas na linguagem escrita.

1º princípio - Desenvolvimento da Consciência fonológica

O desenvolvimento da consciência fonológica explica a maior parte dos casos de dislexia, disgrafia e disortografia. Os profissionais que atuam com disléxicos, disgráficos e disortográficos precisam ter claramente, nos planos de avaliação e intervenção de fonologia e fonêmica. A fonologia deve ser entendida pelos profissionais como estudo dos sons da linguagem humana. É a fonologia parte da

lingüística que estuda os fonemas do ponto de vista de sua função na língua.

Falamos em consciência fonológica, segundo Theodore L. Harris e Richard E. Hodges, em seu Dicionário de Alfabetização: vocabulário de leitura e escrita (Artes Médicas, 1999), quando há conscientização dos sons constituintes das palavras durante o aprendizado de leitura e da soletração/grafia. Os componentes das palavras podem ser diferenciados de três maneiras, segundo os autores:

(1) por sílabas, como /leis/, em que a palavra tem, como observamos, apenas uma sílaba. A definição de sílaba é fonética: uma vogal ou um grupo de fonemas que se pronunciam numa só emissão de voz, e que, sozinhos ou reunidos a outros, formam as palavras. Unidade fonética fundamental, acima do som.

(2) Dentro da sílaba, por onsets e rimas, como /l/ e /leis/. Na língua portuguesa, a palavra onset pode ser traduzida por ataque. O ataque é foneticamente definido como movimento das cordas vocais ao se posicionarem para realizar as articulações vocálicas. O ataque pode ser duro (glotalizado), com as cordas vocais cerradas e abertura repentina para a passagem do ar (como no alemão), ou suave e gradual, em que as cordas vocais se põem imediatamente em posição de vibração (como nas línguas românicas). Em outras palavras, diríamos que o ataque da sílaba é a parte inicial da sílaba constituída por uma ou mais consoantes, que antecedem o núcleo da sílaba. Nos casos em que não existe ataque, diz-se que a sílaba em questão possui um ataque vazio. Mais exemplos: Na palavra "pai", constituída por uma única sílaba, a oclusiva bilabial surda /p/ ocupa a posição de ataque. A rima da sílaba se define como . Rima da sílaba é considerado um constituinte silábico formado pelo núcleo (obrigatório) e pela coda (não obrigatória) de uma sílaba. Exemplos: Na palavra "mal", constituída por uma única sílaba, a rima da sílaba corresponde à seqüência de vogal e de consoante lateral: /al/.

(3) Por fonema, como /l/, /e/, /y/ e /s/. Fonema, estudado em todas as lições anteriores, categoria fonética fundamental para a compreensão da consciência fonológica, é unidade mínima das línguas naturais no nível fonêmico, com valor distintivo (distingue morfemas ou palavras com significados diferentes), porém ele próprio não possui significado (p.ex., em português as palavras *faca* e *vaca* distinguem-se apenas pelos primeiros fonemas /f/ e /v/). O fonema não se confunde inteiramente com as letras dos alfabetos, porque estas freqüentemente apresentam imperfeições e não são uma representação exata do inventário de fonemas de uma língua.

2º Princípio - Desenvolvimento da Consciência fonêmica

A noção de fonêmica se faz necessária no programa de intervenção psicopedagógica. Fonêmica é definida como ramo da análise lingüística que estuda a estrutura de uma língua no que se relaciona aos fonemas segmentais e sua distribuição na cadeia fônica. Segundo Theodore L. Harris e Richard E. Hodges, em seu Dicionário de Alfabetização: vocabulário de leitura e escrita (Artes Médicas, 1999), a consciência fonêmica é o dar-se conta dos sons (fonemas) que formam as palavras faladas. Esta conscientização não aparece quando as crianças pequenas aprendem a falar. Esta capacidade não é necessária para falar e entender a língua (gem) falada. Todavia, a consciência fonêmica é importante no aprendizado da lectoescrita (leitura, escrita e ortografia).

3º Princípio - Desenvolvimento da sensibilização às rimas

Os modelos de intervenção psicopedagógica devem levar em conta no programa de treinamento as dificuldades dos disléxicos, disgráficos e disortográficos no tocante à sensibilização às rimas. Por rima, podemos entender, a reiteração de sons (vogais, consonantais ou combinados) iguais ou similares, em uma ou mais sílabas, geralmente, acentuadas, que ocorrem em intervalos determinados e reconhecíveis. Quando o leitor diante de textos versificados, rima é entendida como apoio fonético recorrente, entre dois ou mais versos, que consiste na reiteração total ou parcial do segmento fonético final de um verso a partir da última tônica, com igual ocorrência no meio ou no fim de outro verso ou ainda a repetição de um som em mais de uma palavra de um mesmo verso (ex.: um canto santo de tão raro amor)

No mercado editorial, existem muitas obras que atuam diretamente na consciência fonológica e fonêmica de leitores disléxicos, disgráficos e disortográficos. Um bom exemplo é o livro de Denise Godoy, sob o título *A Língua Travada: consonâncias em verso e prosa*. A autora (denisegodoy@pop.com.br) apresenta textos que devem ser lidos preferencialmente em voz alta em razão do objetivo que dirigiu a construção de cada um: trabalhar diretamente um grupo específico de consoantes da língua portuguesa. Pode ser utilizado em atividades de intervenção.

Vejamos o poema abaixo, de Denise Godoy, pronto para ser trabalhado com disléxicos que trocam as consoantes oclusivas /p/, /b/ e /m/

PROCURA

Procurei a poesia do poema
Na beira do ribeirão
Pequeno, que lambe as bordas
Da mata do jatobá.

Busquei a beleza do mundo
Nos braços que embalavam um bebê,
Na música misteriosa dos amantes
E no murmúrio embaralhado das palavras.

Perdida na procura,
Descobri, no mundo, a paixão,
Na paixão, a beleza do poema,
E na beleza do poema,
A POESIA.

(Godoy, Denise. *A Língua Travada: consonâncias em verso e prosa*. Goiânia: Cãnone Editorial, 2004. p.15)

Eis um poema para o trabalho, em sala de aula, para disléxicos que trocam as consoantes oclusivas /t/ e /d/

DÁDIVA

Tem Dias em que tudo é descanso.
Tem tardes douradas
Em que o Cristalino teima em mostrar
Que ali a natureza é dádiva
E deslumbramento.
Tem noites em que a luminosidade
De estrelas já desaparecidas, insiste
Em entrar na retina.

Tem dias, tem tardes, tem noites.

Tem o verde, o horizonte,
A trilha, a mata.
Tem deuses a nos dizer
Que a vida é dádiva, é dor, é dúvida
E histórias a nos contar
Que a vida é mistério, festa e fantasia.

(Godoy, Denise. A Língua Travada: consonâncias em verso e prosa. Goiânia: Cãnone Editorial, 2004. p.18)

Convencionou-se que ler é uma actividade para ser feita silenciosamente. Todo leitor, em acção, seria um ser ensimesmado, dedicado a um prazer mudo e individual. Com a excepção dos recitais e saraus (sinónimos de chatice para muitos), não há mais espaços sociais para se ler em voz alta, em alto e bom som. A não ser que você seja radialista, apresentador de TV ou político pode passar uma vida inteira sem ler um texto para outros ouvidos.

Quem tem filhos sabe como é gostoso ler uma bela história em voz alta, saborear o som de cada palavra, inventar ritmos, intensidades e cores diversas para falar e calar, realçar e sugerir, confirmar e surpreender! Interpretar a leitura com os recursos vocais é uma arte, uma actuação como o teatro ou o canto.

Para quem é tímido, fala baixo, engole as palavras ou tem algum problema de dicção, ler em voz alta é um santo remédio. O problema é que os exercícios com fins terapêuticos costumam ser enfadonhos, repetitivos e sem sentido. Ler em voz alta, nesses casos, é um sacrifício, ainda mais quando há alguém a avaliar, atento aos seus mínimos escorregões. Não há língua que não trave, assim pressionada!

Em sala de aula, colocar os alunos para "ler para a turma" é uma prática bastante disseminada, mas nem sempre bem utilizada. Quando o livro é daqueles didáticos tradicionais, os alunos costumam embrenhar-se numa narração automatizada, tentando livrar-se o mais rápido possível da incómoda tarefa. Sugerir a leitura de poemas e livros infantis costuma ser bem mais divertido. No entanto, a leitura em voz alta não costuma ser recomendada como uma prática diária, a não ser (de novo) para aqueles alunos "com problemas".

O livro *A Língua Travada: Consonâncias em Verso e Prosa*, de Denise Godoy, traz um novo alento para todas as situações descritas acima. O leitor leigo, desinteressado de *Terapia da Fala e Educação*, descobre ali uma lírica original, leve e simpática, em poemas e contos onde nenhuma palavra é vã e tudo reverbera ao redor de certos motes sonoros. Impossível resistir à tentação de ler em voz alta. É isto mesmo que recomenda a autora.

Na *Terapia da Fala*, a obra se transformará em manual, indispensável para a aplicação de exercícios com as mais variadas combinações de consonâncias. Fica evidente, logo na primeira leitura, o trabalho de "garimpagem" da autora em busca de palavras e sons que se adequassem à finalidade terapêutica de cada texto.

Nas escolas, os versos de Denise (que desenham um cotidiano de delicadeza e reflexão) e seus contos curtos (com histórias engraçadas ou misteriosas) certamente arrebatarão os alunos. Desafiados a ler em voz alta aquela sucessão de trava-línguas, seduzidos pelas histórias originais e belos poemas, instigados a criar textos que comportem repetições de letras e sons como aqueles, eles podem ser "fisgados" de várias formas para o prazer da leitura, da interpretação oral e da escrita.

Trava-línguas, Exercícios e Classificados

Além dos pequenos contos e poemas, a autora criou ais três capítulos, que enriquecem o livro e ratificam os seus objetivos. Um deles traz trava-línguas de A a Z, passando pelo Cl, Ch e Tr. São frases curtas para testar a dicção.

Por exemplo: Clarissa catava cacos cor clara e conchas coloridas, contente, cantando cantigas. No capítulo "Exercitando a Respiração", o leitor é orientado a ler versos sem interrupção e respirar somente ao final de cada frase. Aos poucos elas ficam maiores e exigem um maior controle da respiração.

Há também um capítulo de "Classificados", que não faria falta ao livro, mas é divertido e mostra que é possível criar textos com trava-línguas em qualquer tipo de linguagem. Um dos anúncios dos classificados (com a identificação das letras trabalhadas).

C e Q - Cadu e Camila comunicam aos colegas que se casaram quarta-feira no Cartório de Catural. Contentes e cansados, procuram casa para comprar e querem encontrá-los na Quinta do Quelemente, às 14 horas do dia 15, para confraternização e cumprimentos.

A Língua Travada é uma grata surpresa tanto por suas qualidades literárias e poéticas, quanto pelo serviço que pode prestar em diversas áreas terapêuticas, artísticas e educativas. Não deixe de ler. Mas em voz alta!

Texto extraído do site: www.profala.com/lr56.htm